

O menino órfão e o menino rei

Ivens Cuiabano Scaff



Cenários

Marcelo Velasco

Foto-ilustrações

Helton Bastos

Marionetes

Carlão dos Bonecos

Ivens Cuiabano Scaff

O menino órfão e o menino rei

Marionetes

Carlão dos Bonecos

Foto-ilustrações

Helton Bastos

Cenários

Marcelo Velasco

 **entrelinhas**

Cuiabá, 2008



Copyright © 2008 Ivens Cuiabano Scaff (texto) e Carlão dos Bonecos (marionetes)

Editora e designer gráfico Maria Teresa Carrión Carracedo

Produção gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Chefe de arte Helton Bastos

Revisão Henriette Marcey Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scaff, Ivens Cuiabano
O menino órfão e o menino rei / Ivens Cuiabano Scaff;
ilustrado por Carlão dos Bonecos. --
Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2008.

ISBN: 978 - 85 - 87226 - 82 - 2

1. Lendas - Literatura infanto-juvenil
I. Carlão dos Bonecos. II. Título.

08 - 10081

CDD - 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Lendas : Literatura infantil 028.5
2. Lendas : Literatura infanto-juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à:

 entrelinhas

CARRIÓN E CARRACEDO LTDA.

Av. Senador Metello, 3.773, Jardim Cuiabá • Cep: 78.030-005 – Cuiabá, MT, Brasil
Telefax: (65) 3624 5294 / 3052 8711 • www.entrelinhaseditora.com.br • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

Impresso no Brasil

Em nome do meu professor mais querido, Rodolpho Paulo Rocco, dedico a todos os que contribuíram para a minha formação: livros, parentes, pacientes, amigos, filmes, música, poetas, santos, peixes, escritores, pássaros, chatos, noites com e sem lua, matas e cachoeiras, rios, alguns pores-de-sol e as inesquecíveis e claras manhãs da minha casa no Porto.





A tarde vinha caindo devagarinho e em silêncio. Nem um vento, nem chuvisco. Nada que se movesse. Nem passarinho. Nem coelho. Parecia que até as formigas estavam descansando. Era o fim de um dia quente, e realmente parecia que todas as coisas estavam muito cansadas. Se de repente uma das árvores desabasse por ter cochilado, isso passaria por coisa completamente normal.

Tuca espreguiçou-se, estendendo ao máximo seus braços finos de menino.

— Oh! Lugar sem graça. Nada acontece por aqui. O máximo de novidade é romper a correia de um dos cavalos. Conserto a correia, e daí, aonde posso ir?

Estendeu o olhar para aquele vale, nem estreito nem largo demais, limitado por pequenas colinas.

— O reino mais próximo fica a muitos dias de distância.

O menino falava sozinho, pois não havia mais ninguém por toda a extensão do vale e da morraria em volta. O velho castelo parecia uma construção abandonada, à beira de um lago morto.

— Pra falar a verdade – continuou o menino – nem sei se existe. Às vezes, quando chega algum cavaleiro e começa uma narrativa, já me mandam ajudar na cozinha ou na estrebaria, e fico pegando só uns pedaços de conversa.

Tuca montou um pedaço de galho bem reto, que tinha cortado de um pinheiro, e continuou a falar.

— Bem que eu gostaria de montar um desses cavalos e ir indo, indo... Chegar até a tal floresta. Mas, que nada! – Esporeou com irritação o cavalo-de-pau e começou a falar de modo irônico, como se estivesse imitando alguém – “Você é muito criança. Lá tem salteadores, bandidos que vão te capturar pra te fazer de escravo”.

E eu não sou escravo aqui?!? – Continuou a ironizar: – “Tuca, vá buscar água no poço”, “Tuca, acabou a lenha”. Pronto! Lá vai o Tuca rachar lenha. Lá vai o Tuca catar gravetos.



A poeira estava parada sobre o vale, e começava a ficar dourada.

— As coisas boas ficam para os outros, sempre! – suspirou Tuca.

— O que o jovem Tuca tanto resmunga?

— É você, meu bom velho?

Apesar da chegada do velho, Tuca continuou a falar sozinho.

— A única novidade neste castelo perdido num lugar que não está no mapa é a visita desse velho andarilho.

— E aí, velho amigo? Quais as novidades? Pra falar a verdade, não devia ter perguntado isso. Do jeito que o senhor anda devagar, as novidades que traz já envelheceram enquanto caminhava.

O ar estava tão parado que nem a longa barba pontuda e branca do velho se mexia. Sua túnica tinha uma cor indefinida, talvez pelo excesso de uso. Tinha uma tonalidade marrom, parecendo feita da casca de velhas árvores.

— Ah! Como a juventude é apressada! Tudo tem seu tempo certo, menino.

— Tempo certo. Tempo certo. Eu é que acho que estou no lugar errado. No tempo e no lugar errado. Tempo parado. Lugar nenhum. – completou Tuca, fazendo caretas.

As barbas do velho balançaram enquanto ele dava uma boa risada.

— Faz de conta. Faz de conta que eu sou um mago. Faz de conta que este meu bastão é mágico. Uma vara de condão.

Tuca desfez a careta e seu rosto ficou sério, à exceção das sobrancelhas que, uma muito baixa e a outra muito elevada, davam conta da sua perplexidade.

— Vá lá, meu menino. Escolha o tempo e o lugar e eu dou um jeito para você.

— Será que esse velho está caduco, dois pra lá, três pra cá? – perguntou Tuca, de novo falando sozinho e girando os dedos indicadores em volta das orelhas. Falava tão baixo que era quase um pensamento. – Ele é tão velho. Acho que é a pessoa mais velha que conheço. Ele deve ser mais velho que o cavalo de Sir Heitor. E olha que o cavalo de

Sir Heitor não tem nem mais os dentes. Ele é mais velho que o velho carvalho. Mais velho que o fosso do castelo. – foi exagerando Tuca.

O velho permanecia parado, com o olhar perdido nas colinas, como se não estivesse escutando ou esperando que Tuca tomasse uma decisão.

— Ele é ainda mais velho que Sir Heitor, que já é bem idoso – continuou Tuca, como se o velho não estivesse ali – Não, Sir Heitor não é meu avô. Nem pai. Mas é como se fosse. Vivo neste castelo desde que me entendo por gente. Me tratam como se fosse da família. Quer dizer, quase todos. O filho de Sir Heitor, o Kay, me detesta. Aliás, ele detesta todo mundo, mas me detesta mais um pouquinho ainda. Mas isso é uma outra história.

O sol se pondo tornava as vestes do velho douradas.

Tuca virou-se para ele.

— Faz de conta! Faz de conta! Só no faz de conta que eu vou conseguir viver uma aventura?

Mas virou-se de novo em seguida, porque ouviu gritos vindos do castelo.

— Tuca! Tuca! Onde se meteu esse cretino?

— Falar no diabo, ele aparece. Estou aqui, Sir Kay.

Kay devia ser apenas alguns anos mais velho que Tuca, mas era bem mais alto. Alto e magro feito um bacalhau. Vinha chegando muito irritado.

— Fazendo o quê? Deu pra falar sozinho?

— Estava conversando – interrompeu-se ao notar que o velho havia se retirado silenciosamente – Aliás, estava pensando alto – emendou.

— Ele pensa! – provocou Kay – Terminou de arrumar minhas correias?

— Terminei, Sir Kay.

Kay encaminhou-se para uma sela, já bastante gasta.

— Vamos ver se ficaram boas. Você não faz nada direito!

— Estão seguras, Kay.

Kay deixou vazar toda a raiva que sentia do menino, ou do mundo.

— Sir Kay! Sir Kay! Não esqueça seu lugar. Você mora neste castelo de favor. De favor! Maldita hora em que aquele viajante deixou este estrupício aqui.

A curiosidade foi maior que o medo, e Tuca pediu:

— Me conte a história inteira, Sir Kay.

Kay olhou-o com desdém.

— Pra quê? Que importância pode ter a história de um enjeitado? Não tem história nenhuma. Alguém te encontrou pelos caminhos, te pegou, mas logo viu o mau negócio que tinha feito e te abandonou aqui. Era uma noite negra. Escura de tempestade.

Ao dizer estas últimas palavras, o rosto de Kay tornou-se sério de repente.

— Como se chamava o viajante? – Insistiu Tuca.

Kay parecia que ia explodir. Veias vermelhas saltavam de seu pescoço.

— Quem é você para me inquirir? Não era ninguém. Você não é ninguém. E acabou! Agora, suma! Vá buscar feno para a minha cama. Vá!

